

PROFESSORES E ALUNOS FALAM SOBRE A EXPECTATIVA DE RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS

Páginas 4 e 5



Reunidos em assembleia nesta sexta-feira (11), os professores da UFRJ decidiram, por 283 votos a favor, 182 contra e 16 abstenções, aceitar a proposta do Andes de construção de greve unificada dos servidores públicos federais por reposição salarial. A assembleia também escolheu a delegação do sindicato ao Congresso do Andes, no final de março.

Páginas 2 e 3

EDITORIAL

CAR@ COLEGA,

DIRETORIA

Construção política não é algo trivial. É atitude delicada e difícil que exige diálogo, respeito e posições dispostas a ceder um pouco para ganhar muito. Pois bem. Na manhã de sexta-feira (11), tivemos nossa primeira assembleia do ano, a primeira conduzida pela atual diretoria da AdUFRJ. Foi um encontro intenso, produtivo e que começou a ser traçado há mais de 15 dias.

Após muitas conversas com professores da situação e da oposição, aceitamos encaminhar na assembleia um apoio crítico à proposta do Andes de “construir” um indicativo de greve nacional por melhores salários e condições de trabalho. A ideia é unificar o movimento com outras categorias de servidores públicos federais — muitos deles, aliás, da elite do funcionalismo, e com situação salarial bem mais favorável que a nossa.

Abrimos a assembleia dizendo que o inimigo desta diretoria não é o Andes, a greve ou qualquer abstração dessa natureza. Nosso inimigo é o governo e o sufocamento econômico ao qual ele nos condena. Nosso inimigo são as perdas salariais, calculadas em 28% nos últimos desde três anos segundo o Dieese. Esse é o ponto que nos une e que nos parece muito maior do que nossas divergências, e por isso defendemos autorizar o Andes a começar a construir uma paralisação nacional e unificada. A forma dessa mobilização e se a AdUFRJ vai aderir a ela não está em questão agora.

Em março, teremos outra assembleia para votar ou um indicativo de greve ou uma paralisação de um dia, algo assim. Todos nós sofremos perdas salariais nos últimos anos, mas os professores mais jovens foram mais atingidos. Assim, não podemos rejeitar a priori um movimento que desemboque numa forte campanha salarial. Atuar nesse processo é nosso dever enquanto

representantes dos professores, sufocados por um processo de desvalorização salarial que chega perto dos 30% nos últimos três anos.

Acreditamos que a greve tradicional (por tempo indeterminado) não é o melhor instrumento nessa conjuntura pandêmica e radicalizada. Isso não significa, no entanto, que achemos que o contexto político brasileiro não esteja propício para

Nós, diretores da AdUFRJ, apostamos no potencial criativo e combativo dos professores da UFRJ. Estaremos nas ruas, nas reuniões e nas salas de aula em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade

mobilizações. Ao contrário, vemos a conjuntura pré-eleições de outubro como uma janela de oportunidades para apresentar nossas demandas e pressionar o atual Parlamento, fisiologista e ávido por renovar seus mandatos.

Nós, diretores da AdUFRJ, apostamos no potencial criativo e combativo dos professores da UFRJ. Estaremos nas ruas, nas reuniões e nas salas de aula em defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade. Sabemos que não será fácil, mas contamos com todas, todos e todes para nos auxiliar a liderar esse processo, baseado em novas formas de luta e mobilização. Respeitamos a decisão da assembleia, convocamos um Conselho de Representantes para o dia 22, seguiremos lutando contra esse governo e apostando que decisões políticas, construídas de forma respeitosa e fraterna, são a melhor maneira de evitar vitórias de pirro.

Boa leitura!

ADEUS A ARMANDO AUGUSTO CLEMENTE

A AdUFRJ lamenta a morte do professor Armando Augusto Clemente, do Programa de Engenharia de Produção da Coppe, ocorrida no último dia 7. Docente da UFRJ há mais de 40 anos, o professor Armando foi um expoente em sua área. Atualmente, o docente era gerente da Incubadora Tecnológica da Coppe. Armando Augusto Clemente também ocupou importantes cargos na diretoria



da Coppe e na administração central da universidade e atuou ativamente no projeto e implantação da Rede de Alto Desempenho de Fibras Ópticas da UFRJ. Foi, ainda, secretário executivo da Rede de Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro e diretor de Produtos e Atendimento do Sebrae. Lamentamos profundamente a partida do docente e desejamos força e conforto à sua família e seus amigos. Armando não será esquecido.

NOTAS DO CONSUNI

INTEGRAÇÃO ACADÊMICA

Entre os dias 14 e 18 de fevereiro será realizada a Semana de Integração Acadêmica da UFRJ. Dos 6 mil trabalhos inscritos, 5.826 foram aprovados. A 11ª edição da SIAC acontece em formato virtual. “É o nosso maior evento de ensino, pesquisa e extensão. Sugerimos a liberação dos estudantes para participarem”, pediu a pró-reitora de Extensão, professora Ivana Bentes.

COMISSÕES ATUALIZADAS

As Comissões de Legislação e Normas (CLN) e de Ensino e Títulos (CET) tiveram modificações em suas composições, em função de mandatos expirados. A professora Walcy Santos, da Matemática, foi eleita para substituir o professor Nelson Braga, da Física, na CLN. Já o professor Carlos Alberto Riehl passa a integrar a CET no lugar do professor Sérgio Eduardo Jorás.

EMERÊNCIA UNÂNIME

O Consuni aprovou por unanimidade a concessão do título de professora emérita à docente Maria Aparecida Lino Pauliukonis, titular aposentada da Faculdade de Letras. A indicação já havia sido aprovada por unanimidade pelo Conselho do Centro de Letras e Artes. Durante a sessão, a professora foi aclamada por colegas e pela audiência que assistia ao colegiado pelo Youtube.

HONORIS CAUSA

A UFRJ concedeu o título de Doutor Honoris Causa ao poeta Carlos de Assumpção. O pedido foi feito pelo Departamento de Ciências da Literatura, da Faculdade de Letras. Reconhecido nacional e internacionalmente, Assumpção, hoje com 94 anos, foi homenageado e entrevistado pela TV AdUFRJ, em 2019. Relembre este momento no nosso canal: https://youtu.be/qlc_5cEvdE4.



CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufjr.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  **MAPLE BEAR TIJUCA**
-  **MIT CUIDADORES**
-  **ACADEMIA TIJUCA FIT**
-  **MADONA CLINIC**
-  **PSICARE PSICARE**
-  **FISIOTERAPIA RJ LTDA**
-  **CRECHE AMANHECENDO**
-  **CRECHE ESCOLA RECRIAR**
-  **CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS**
-  **ROÇA URBANA ORGÂNICOS**
-  **JC LUZ CORRETORA**
-  **FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL**
-  **MACAÉ**
-  **ESCOLA ALFA**
-  **CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL**
-  **HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR**
-  **MAIS FITNESS ACADEMIA**
-  **INSPIRE ENERGIA SOLAR**

Assembleia vota pela construção da greve

> Unidade com o movimento nacional dos servidores públicos federais foi apontada como necessária pelos docentes para enfrentar o governo Bolsonaro e lutar pela recomposição salarial

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Por 283 votos favoráveis, 182 contrários e 16 abstenções, a assembleia geral da AdUFRJ decidiu apoiar a possibilidade de construção de uma greve unificada dos servidores públicos federais. Os principais argumentos em torno da decisão levaram em consideração as perdas salariais da categoria. Cerca de 80 professores participaram da discussão realizada em meio remoto nesta sexta-feira (11), pela plataforma de teleconferência Zoom. Ao final da assembleia, a diretoria informou que convocará uma reunião do Conselho de Representantes para o dia 22 de fevereiro.

Houve amplos consensos sobre a defasagem salarial dos servidores públicos federais e em defesa de uma agenda de mobilizações que se reverta em pressão sobre o Executivo nacional para melhorias nas condições de trabalho e no orçamento das universidades. Mas não houve consenso de que essa construção deva abrir possibilidade para uma greve nacional.

“A assembleia foi tranquila. Houve fortes falas contra uma greve geral, por tempo indeterminado, algo que também não concordamos. Mas conseguimos construir consensos”, avaliou o professor João Torres, presidente da AdUFRJ. “O que aprovamos aqui não foi um indicativo de greve, mas a construção de um movimento nacional”, afirmou. “Agora vamos aguardar os próximos encaminhamentos do Andes para discutir em futuras assembleias”, disse o dirigente.

Markos Klemz, professor do IFCS e vice-presidente da Regional Rio do Andes, explicou que o ponto de pauta da assembleia foi construído no Andes a partir da seletividade do governo federal, ao anunciar reajuste apenas para a segurança. “O estopim foi a declaração de Bolsonaro, de que daria aumento apenas para

VOTAÇÃO ELETRÔNICA

A votação aconteceu pelo Sistema Helios, da UFRJ, adaptado para a AdUFRJ. A urna eletrônica permaneceu aberta até as 18h. Como a assembleia não votou indicativo e nem deflagração de greve, apenas os filiados à

seção sindical receberam o link da urna pelo e-mail de cadastro. A pergunta era: “Você é a favor da construção de greve unificada dos servidores públicos federais com a pauta da reposição salarial (índice definido no Fonasefe); condições de trabalho; revogação da PEC 95; luta contra a aprovação da PEC 32; e a construção de uma pauta específica da educação com as demais entidades que atuam nas IFES?”. Os docentes puderam responder sim, não ou abstenção.

DEBATE

A diretoria encaminhou o “sim crítico” à consulta do Andes. Ou seja, favorável à mobilização nacional, desde que qualquer deliberação sobre indicativo ou deflagração de greve seja decidida em nova assembleia aberta a sindicalizados e não sindicalizados. “Estamos cientes da necessidade de fazermos um movimento contra o governo Bolsonaro, em várias frentes. E é nesse sentido que a diretoria está apontando uma adesão crítica à proposta do Andes”, afirmou o professor João Torres.

A professora Mayra Goulart, vice-presidente da AdUFRJ, falou no mesmo sentido. Para ela, o momento é o ideal para pressionar o governo. “Propomos atuar na construção coletiva, com os demais sindicatos dos servidores federais. Mais do que atuar, pretendemos liderar junto ao Andes um processo que visa buscar novas formas de mobilização e pressão”, afirmou. “Entendemos que a greve não seria o melhor instrumento no contexto atual. Isso não significa deixar de lutar. Significa a necessidade de se reinventar e construir novos caminhos”, defendeu.

Markos Klemz, professor do IFCS e vice-presidente da Regional Rio do Andes, explicou que o ponto de pauta da assembleia foi construído no Andes a partir da seletividade do governo federal, ao anunciar reajuste apenas para a segurança. “O estopim foi a declaração de Bolsonaro, de que daria aumento apenas para



Entendemos que a greve não seria o melhor instrumento no contexto atual. Isso não significa deixar de lutar”

MAYRA GOULART
Vice-presidente da AdUFRJ



Só neste governo, perdemos um quinto do nosso poder de compra”

MARKOS KLEMZ
Vice-presidente da Regional Rio/Andes

os policiais. Só neste governo, perdemos um quinto do nosso poder de compra”, pontuou. “Precisamos de um movimento unificado. De maneira geral, a construção da greve já foi aprovada nas seções sindicais do Rio”, disse, em referência às assembleias que aconteceram na UFF, na UniRio, na Rural e no Cefet nesta semana.

O professor Luis Acosta, da Escola de Serviço Social, também defendeu a greve nacional. “Além dos 19,9% de perdas no atual governo, muitos professores da UFRJ perderam os 26,05% (referentes ao Plano Verão, cortados em 2020). Também tivemos o aumento da contribuição previdenciária de 11% para 14%”, listou. “São muitas perdas salariais neste período”.

“Motivos para fazer greve não nos faltam, nunca nos faltaram”, completou a professora Marinalva Oliveira, da Faculdade de Educação. “Além da caracterização do governo genocida,

precisamos refletir sobre como enfrentar um governo como esse. Um sim crítico é muito pouco. Uma greve ainda é muito pouco”, afirmou.

Ex-diretor da AdUFRJ, o professor Felipe Rosa, do Instituto de Física, apoiou a indicação da atual gestão. “A nossa imagem altamente qualificada, perante a sociedade, por nossa colaboração no combate à pandemia, fica sabotada porque a universidade está há muito tempo vazia. E uma greve agora pode piorar essa imagem”, alertou. “Por isso sou a favor desta postura crítica à pauta do Andes”.

Eleonora Ziller, professora da Faculdade de Letras e ex-presidente da AdUFRJ, fez um apelo pela construção da unidade. “A gente constrói unidade cedendo e compondo com o conjunto de servidores. Mas há uma força política na UFRJ muito significativa contra a forma que se conduz greve”, afirmou. “Como vamos dizer que a greve nos unifica? Vamos pensar o que é unificar sob um governo que tem feições neonazistas”.

POLÊMICA SOBRE MÉTODO

Ao final da etapa de debate, alguns professores que fazem parte da oposição sindical apresentaram uma lista de enca-

minhamentos e pediram que houvesse votação dos pontos. Dentre as sugestões, estavam a criação de uma comissão de mobilização e de uma comissão de comunicação, que pudesse fazer denúncias à imprensa sobre problemas de infraestrutura dos prédios. A diretoria do sindicato, no entanto, esclareceu que é uma tradição das últimas quatro gestões o voto em urna, com pauta previamente publicizada. “Compomos um grupo que foi eleito com esta forma de organização, é um desejo expresso pela categoria. Os encaminhamentos apresentados poderão ser discutidos no próximo Conselho de Representantes”, afirmou o presidente João Torres.

AGENDA

A agenda de mobilização dos servidores federais começou na semana passada, com a pauta de reivindicações protocolada na sede do Ministério da Economia, em Brasília. No próximo dia 15, às 10h, haverá um ato simbólico em frente ao prédio do IBGE, no centro do Rio (Av. Franklin Roosevelt, 166). Ao meio dia, outra manifestação está programada para acontecer em frente ao Ministério da Economia (Av. Presidente Antônio Carlos, 375).

ATO UNIFICADO
DA CAMPANHA
SALARIAL DO SERVIÇO
PÚBLICO FEDERAL

15/02. TERÇA-FEIRA
10H. CONCENTRAÇÃO
SEDE DO IBGE
AV. FRANKLIN ROOSEVELT, 166

12H. CHEGADA
MINISTÉRIO DA FAZENDA
AV. ANTÔNIO CARLOS, 375

REPOSIÇÃO EMERGENCIAL LINEAR DE 19,9%
REALIZAÇÃO DE CONCURSOS PARA O QUADRO PERMANENTE

FORA BOLSONARO! AdUFRJ

DELEGAÇÃO DA ADUFRJ ELEITA PARA O CONGRESSO DO ANDES

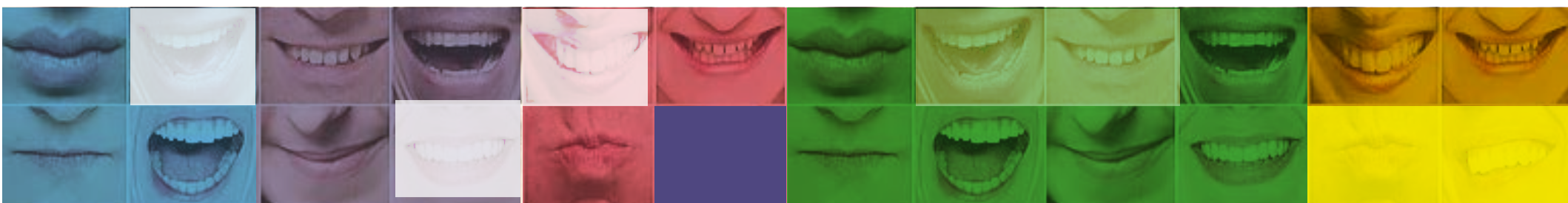
O primeiro ponto de pauta da assembleia foi a escolha da delegação da AdUFRJ para o 40º Congresso do Andes. O evento acontece em Porto Alegre, entre os dias 27 de março e 1º de abril. São delegados: **Mayra Goulart** (1ª vice-presi-

dente da AdUFRJ e docente do IFCS); **Ricardo Medronho** (2ª vice-presidente da AdUFRJ e docente da Escola de Química); **Karine Verdoorn** (2ª secretária da AdUFRJ e docente de Macaé); **Felipe Rosa** (Instituto de Física); **Eleonora Ziller** (Faculdade de

Letras); **Cláudio Ribeiro** (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo); **Luciano Coutinho** (Faculdade de Administração e Ciências Contábeis); **Cristina Miranda** (Colégio de Aplicação); **Luis Acosta** (Escola de Serviço Social); **Eduardo Serra** (Esco-

la Politécnica); **Mathias Luce** (ESS); **Thais Motta** (Cap) e **Jacqueline Girão** (Faculdade de Educação). Foram indicadas, ainda, observadoras suplentes, que poderão assumir a vaga de delegados. São as professoras: **Claudia Piccini** (Educação – 1ª suplente), **Cleusa Santos** (Serviço Social – 2ª suplente), **Alessandra Nicodemos** (Educação – 3ª suplente), **Simone Alencastre** (Cap – 4ª suplente), além do professor **Jorge Ricardo Gonçalves** (Educação).

#OrgulhoDeSerUFRJ



VOZES *da* SAUDADE

BEATRIZ COUTINHO
comunica@adufjrj.org.br

Em abril, a UFRJ finalmente começará seu ano novo. O período letivo de 2022.1 se inicia somente no dia 11 e, com ele, há a expectativa da volta integral ao ensino presencial. Até lá, parcela significativa da universidade continua em ensino remoto ou híbrido, mas a frustração de permanecer dois anos sem pisar nos campi ecoa com cada vez mais força na comunidade acadêmica. Estudantes e professores querem voltar ao ensino presencial.

Apesar de aguardado, há a justificada preocupação com as condições em que esse retorno se dará. Na última terça-feira (8), convocados pelo Diretório Central dos Estudantes da UFRJ (DEC Mário Prata), cerca de 65 alunos dos cursos da Praia Vermelha se reuniram para debater a infraestrutura do campus. Eles frisaram que os problemas antigos de infraestrutura podem dificultar o retorno seguro, mas que para reclamar melhorias é preciso ocupar presencialmente o espaço universitário. “Reformas não caem do céu. As nossas reivindicações precisam de estudantes tendo a vivência presencial”, pontua Rodrigo Ferreira, estudante de Jornalismo. “Manter as faculdades fechadas torna mais fácil para o atual governo promover cortes.”

O **Jornal da AdUFRJ** ouviu professores e estudantes que relataram suas expectativas, frustrações e medos ao longo dos últimos dois anos. “Cansaço”, “desgaste” e “saúde” são as palavras que mais aparecem nos depoimentos a seguir, embora muitos reconheçam pontos positivos do ensino remoto. Em comum, o desejo de recopular a UFRJ com força total.



depoimentos



TATIANA SAMPAIO
Professora do Instituto de Ciências Biomédicas

■ Eu acho que o retorno às aulas presenciais nas universidades deveria ser completo. Nenhum país do planeta deixou o ensino público continuamente fechado por tanto tempo. Educação pública é um serviço essencial prestado à sociedade. As pessoas podem não querer ser servidas públicas, podem preferir priorizar seus direitos individuais à segurança total. Mas quando assumem sê-lo, a decisão implica em servir ao público e não a si mesmas. As escolas e universidades públicas não existem para gerar empregos estáveis. Elas existem para dar educação às crianças e jovens do Brasil. Assim como os profissionais de saúde existem para cuidar da saúde da população, inclusive durante uma pandemia.

O retorno devia ser completo, porque os estudantes que moram fora do estado precisam da segurança de que as aulas

retornarão ao normal para poderem organizar sua moradia no Rio. Para resolver o problema das notas serem mais altas no remoto, basta decidir que as provas serão necessariamente presenciais. Quem for grupo de risco, fará prova oral só com o professor. Também acredito que não dá pra continuar com a postura de ‘proteção total’, ‘ninguém fica para trás’. Passamos por uma pandemia, haverá prejuízo para muitas pessoas. Mas o compromisso do gestor e do servidor público deve ser com o bem da maioria. As crianças e os jovens precisam de educação e isso é um direito deles.



ANTÔNIO SANTOS

Professor do Instituto de Física

■ Como toda a comunidade acadêmica, estou ansioso para o retorno, mas um retorno seguro. Minha única preocupação é com o transporte público, que é cheio e muitas pessoas andam sem máscara. Porém, sou favorável ao retorno, porque para o público em geral há uma universidade que está vazia. Algumas pessoas pensam que estamos em casa fazendo nada e ganhando salário. Isso é um engano. Estamos trabalhando muito mais. Eu, inclusive, trabalho mais em casa. Tem sido super exaustivo e desgastante. Temos muitas reuniões e algumas duram muitas horas, por exemplo. Mas somos servidores públicos, devemos uma prestação de contas à sociedade, trabalhamos com vidas. E a universidade pública muda a vida das pessoas.

Sobre o ensino remoto, eu sou das antigas, então foi um desafio. Todas essas ferramentas que usamos hoje, eu não conhecia na época. Hoje consigo dominar bem, mas acho que perdemos muito em qualidade e isso é irreperável. Nas minhas aulas, por exemplo, eu via várias pessoas com câmeras desligadas, caladas. No presencial você pode tirar a dúvida com o professor, que tem dedicação exclusiva, o aluno está na sala, vem e conversa. Perdemos isso.

Inclusive, notei que tivemos a convivência diferente do que foi no presencial, com pessoas de lugares diferentes. Sinto falta do contato com os alunos, dos colegas professores, dos bate-papos, dos cafezinhos. Até do trajeto sinto falta: no ônibus eu aproveitava pra meditar, chegava na faculdade mais tranquilo. Então, embora seja cansativo, são essas pequenas coisas que somadas fazem grande diferença.



RAABE VITÓRIA

Estudante de Filosofia, ingressou em 2018.1

■ É uma situação muito diferente, que ninguém esperava. Foi um choque, uma coisa assustadora ter aula online. Primeiro, porque não ia ser disponibilizado para todo mundo, somente para os formandos, e na época eu ainda estava na metade do curso. Pensava ‘ai meu Deus, quando que eu vou voltar a estudar? Não vou me formar nunca!’. Depois, foi liberado o período remoto para todo mundo, e eu consegui fazer algumas matérias. Mas então eu fui fazendo e todo mundo falava ‘período que vem volta’ e nunca mais voltou. Vou me formar de casa.

Ingressei na universidade no presencial, ia todos os dias para a faculdade. Meu curso é integral, então eu passava muito tempo na rua, além do deslocamento. Mas era aquela adrenalina diária. Daria tudo para estar no IFCS de novo. Sinto falta também do contato com as pessoas, de estar com os amigos para momentos de estudos e de distração. Com o ensino remoto, fazemos trabalho com pessoas que nunca vimos, com uma letra, não sabemos nem o rosto. É um estar presente completamente diferente.

Em relação à qualidade de ensino, pode ter afetado um pouco negativamente. Claro, foi melhor do que nos cursos que têm matérias totalmente práticas, porque filosofia vai ser eternamente teórica, seja no campus, seja em casa. Na questão dos estágios, por exemplo, me ajudou muito. Eu fazia estágio em três lugares diferentes, então fazer isso presencialmente me atrapalharia. O online também me ajudou a conseguir as horas mais rápido para me formar.



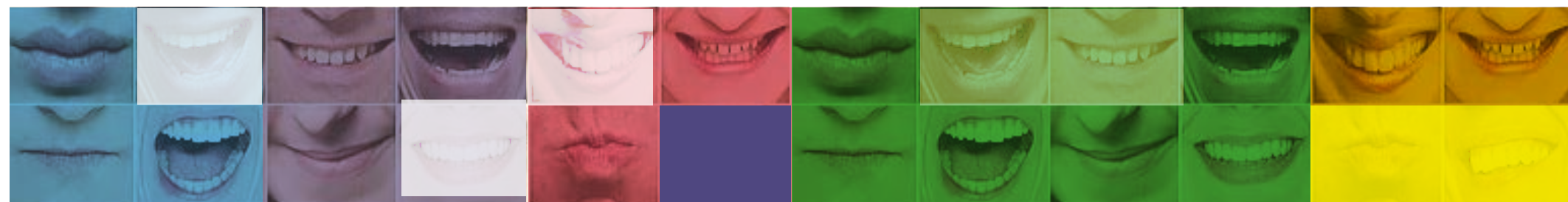
CAROLINA PIZOEIRO

Professora da Faculdade Nacional de Direito

■ Eu fiquei super disposta a retornar, pois apesar de estar no grupo de risco e com as doses da vacina em dia, acredito que fosse o ideal retornar ao presencial. O melhor dos mundos, na verdade, seria ter investimento para que não precisássemos estar online mas, sem verbas, fazemos o que é possível. O conhecimento vamos conseguir resgatar, mas a nossa vida, não. Todo mundo hoje conhece alguém próximo que faleceu na pandemia. Antes da vacina, era muito temerário, por mais que quiséssemos fazer tudo com segurança. A partir do momento que estamos vacinados, a probabilidade de acontecer algo grave e fatal é pequena. Então, agora podemos começar a pensar em retorno total para 2022.1. Acho que foi acertado dessa forma, com distanciamento social, com turmas reduzidas, até pra poder ir sentindo como vai ser.

Do presencial, sinto muita falta dos alunos e dos meus colegas de trabalho. Para quem está fazendo a primeira graduação, é muito importante esse contato e o desenvolvimento de habilidades sociais, além dos conteúdos que acabam ficando perdidos no remoto. Se você não faz essa rede de contato no início da faculdade, que é muito importante para a carreira, depois você perdeu. Outra coisa do presencial é que você consegue sentir quando as pessoas não estão entendendo, você vê a cara de interrogação nos alunos. No online não tem isso. É uma dinâmica muito diferente do presencial, que eu podia fazer um método mais socrático, de fazer perguntas. Eu tento fazer isso no online, mas não rola, fica um silêncio absurdo. Então tive que mudar até as didáticas. Foi um mal necessário.

#OrgulhoDeSerUFRJ



JÚLIA DUARTE

Estudante de História, ingressou em 2020.2

■ Para mim, é muito complicado estar indo para o meu quarto período e nunca ter pisado na faculdade. Isso me desmotivou bastante, porque quando eu estudava para passar para a UFRJ, uma das grandes motivações que eu tinha era justamente estar no ambiente da universidade, ter essa mudança entre o cenário da escola para a faculdade. Tenho uma sensação de desconforto de que quando voltar para o presencial, vou me sentir muito deslocada. Uma coisa é chegar na faculdade no primeiro período e ir aprendendo as coisas. Outra é sentir que já está na metade da graduação. É como se você tivesse voltado no tempo.

Espero conseguir voltar em breve. Não quero criar muitas expectativas com o retorno presencial, porque sempre tem a possibilidade de voltarmos e termos que parar, caso tenha uma piora. Mas eu espero que quando a gente consiga voltar de maneira segura, que eu goste de voltar. Todo mundo fala muito bem do IFCS, que é onde fica o prédio de História. Em relação ao contato, tive muita sorte de ter criado grupo de amigos. Como somos do mesmo curso e período, estamos passando pela mesma situação. Quando voltar, quero muito ter esse hábito de encontrá-las. Quero conhecer os professores que adorei ter matérias, vê-los nos corredores.

Acho que ter feito tudo online foi negativo para mim. História não é um curso que você precisa estar no presencial, mas eu tenho dificuldades de estar no meu quarto e não poder me distrair. Estudar em casa te dá um certo conforto que eu não posso ter. Preciso ir para a faculdade, mesmo que de máscara e álcool em gel.



CRISTINA TRANJAN

Professora da Escola de Belas Artes

■ Sei que a universidade vai ter que se preparar muito para esse retorno, caso volte em abril mesmo. Poderia ser parcial, gradual, mas não vejo logisticamente como. Ter uma aula remota num dia e no mesmo dia ter aula presencial, a grade horária não fecha, fica complicado montar esse quebra-cabeça. Então eu sou favorável ao retorno completo. Acho que estamos nos saindo bem na universidade, mas não dá para ter cinco anos de aula remota. Nosso curso não é EAD. Vai haver uma perda muito grande. Vivemos um ‘dá-se um jeito’, mas não é a mesma coisa.

Acho que tem que voltar. Já deu. Eu não gosto de aula remota. Estou dando aula com o quadro branco magnético e é muito ruim: bate luz, reflete, a caneta escorrega. É melhor o contato físico com os alunos, olhar os desenhos deles. Vou de mesa em mesa tirar dúvidas, recolher os desenhos na hora. Aqui eles têm que abrir a câmera para mostrar o desenho ou mandar por e-mail, mas a imagem não fica legal, e para explicar é ruim também. Quando estamos presencialmente, ensino a manejar os esquadros. Aqui, não vejo se estão trabalhando certo, se estão usando certo o esquadro, se estão usando a escala certa.

A minha saudade é o convívio com os estudantes, o convívio com os meus colegas, o cafezinho no hall da reitoria. Isso me faz muita falta. Minha expectativa é que consigamos sair dessa e que consigamos voltar à normalidade dentro do possível, com todos os cuidados, para que eu consiga estar de volta à sala de aula com os meus estudantes, mesmo que de máscara e álcool em gel.



SAMANTHA MARTINS

Professora do Instituto de Ciências Farmacêuticas, do Centro Multidisciplinar UFRJ-Macacé

■ Pessoalmente, vislumbro 2022.1 totalmente presencial, porque vejo que alguns países já estão flexibilizando bastante, já estão considerando a covid-19 como uma doença endêmica. Não vejo justificativa para a universidade não voltar ao presencial tomando cuidado em relação aos protocolos de segurança, apesar de todos os problemas que presenciamos no dia a dia, apesar da infraestrutura. Nesses últimos dois anos, nosso orçamento diminuiu de forma bastante drástica. Isso com certeza impacta, é algo que temos que trabalhar em paralelo ao nosso retorno ao presencial. Óbvio que não podemos entrar

num ambiente que ofereça riscos, mas não vejo como podemos postergar. Eu estou muito ansiosa por essa volta e sinto muito que os alunos estão querendo saber. Não dá mais, temos que voltar, observando o cenário.

No remoto, num primeiro momento, você se sente angustiado porque você sai da sua zona de conforto. Para quem está acostumado com ensino presencial, não é legal. Gosto do olho no olho. Os alunos não abrem a câmera, não se sentem à vontade, fico sozinha com a câmera aberta. É ruim também não olhar a face da pessoa, interpretar como a pessoa está recebendo a mensagem que você está passando, o diálogo. Isso fica muito comprometido. Mas, tirando o fato da pandemia, acho que o ensino remoto serviu para dar uma chacoalhada em toda a comunidade, para pensar em novas formas de ensino, e isso é importante.

A saudade que eu tenho é de ver os alunos, os corredores cheios. Sinto falta também da convivência com os colegas docentes, os servidores, os técnicos-administrativos. Ou seja, sinto falta da comunidade acadêmica inteira. Teremos a SIAC (Semana de Integração Acadêmica) na semana que vem e é muito gostoso no formato presencial, com os corredores cheios e os alunos apresentando. A minha expectativa é que a próxima SIAC seja presencial.



MARCEL CUNHA

Professor do Campus de Duque de Caxias

■ Acho que o anseio de qualquer professor que trabalha no formato presencial é que esse formato retorne, já que é o nosso modelo hoje empregado e há mais de 100 anos funcional para o ensino. Os professores que lecionam em aulas presenciais sentem saudades. O ensino remoto também é bastante funcional, é muito mais fácil para conseguir transmitir informações, mas para um modelo com a parte prática muito forte, essa carga horária prática adaptada para o remoto faz falta. Ficamos no aguardo para definição precisa desse retorno, que torço para que ocorra no período que vem, junto com a torcida para o fim da pandemia, a vacinação de todos e pelo controle do espalhamento do vírus. Isso significa uma vitória nossa depois de dois anos de muito controle e de muito cuidado para que a pandemia não ficasse pior do que foi.

A saudade da sala de aula é gigantesca. É uma recompensa muito grande dar aula. O que a sala de aula dá para a gente é um retorno muito imediato do que a gente está falando, que vai desde a risada até a cara de insatisfação ou dúvida do aluno.

Nossas aulas em geral têm de duas a quatro horas, e depois o pessoal pode querer mais, fazer perguntas. Esse pós-aula é de extrema satisfação, mas foi praticamente perdido. No ensino remoto, o pós-aula nunca existiu, porque era cansativo e com um retorno que era fraco. O que foi mais duro para os professores parecia ser uma falta de engajamento, que era só um resultado do modelo. No fundo, sabemos que o aluno está ali. No final da aula online costuma ser muito triste: acabar a aula era quase um apagar de luzes.



CARINE PREVEDELLO

Professora da Escola de Comunicação

■ Nós tivemos vários momentos nesse período de ensino remoto. Numa disciplina que tem uma aplicabilidade prática tão significativa, como as que eu ministro (Telejornalismo, Tecnologia da Produção e Expressão e Linguagens Digitais), faz muita falta a atividade prática. A gente brinca que chegou um momento que esgota completamente a criatividade da professora em oferecer recursos diferentes para motivar os alunos na aula remota. Estamos num momento de esgotamento geral, de limite tanto para alunos quanto para docentes. Mas é uma contingência do momento, infelizmente temos que nos adaptar. Precisamos desenvolver novas abordagens e mudar completamente a característica da disciplina, então tem um prejuízo no aprendizado.

Perdemos muito também na relação humana, no diálogo, na troca. Minha rotina é muito mais desgastante no remoto, muito mais do que no presencial, porque emendamos todos os turnos na frente do computador, sem intervalo. Então, a gente perde muito dos espaços de convivência, nos fundimos com a máquina. Espero que possamos retornar, talvez não exatamente como era antes, mas com atividades práticas, em um ambiente de integração entre alunos e servidores.

O que eu tenho mais saudades é do caminho para a ECO, a natureza exuberante na Praia Vermelha, o nosso prédio lindíssimo, histórico, que nos acolhe e é tão significativo, que nos dá relevância tanto em espaço público quanto em legitimidade de formação. Saudades de toda essa convivência, da diversidade, da abordagem comum dos alunos para a gente conversar no meio do caminho, nos corredores, sentar no Sujinho para fazer um lanche e jogar conversa fora.



CAROLINA CARVALHO

Estudante de Ciências da Computação, ingressou em 2021.1

■ Acho que está sendo uma experiência bem diferente do que a gente está acostumado, não necessariamente ruim ou boa. Eu já estive em outra faculdade presencial, e tive pouquíssimas aulas online, então é diferente de você ter suas aulas 100% remotas. Quando você está numa aula presencial, você tem um ambiente adequado para aquilo. No virtual foi um pouco mais difícil. Por exemplo, agora estou tendo algumas matérias mais voltadas para Matemática, e alguns professores usam câmera voltada para o quadro, fica muito difícil de enxergar. Em outras matérias, o remoto trouxe mais praticidade para o meu curso. Então, para algumas aulas foi ótimo, mas para outras foi terrível.

Minha maior expectativa é poder ter um contato maior com meus amigos, professores, estar na sala de aula. Poder almoçar juntos, poder conhecê-los pessoalmente. Mas meu caso também é especial, porque por fazer Ciências da Computação, onde todo mundo é bem ‘nerdinho’, conseguimos nos conectar bastante através dos jogos virtuais em equipe. Então minha turma conseguiu se unir bastante, mas ainda acho que falta um pouco de proximidade humana.

Não tive trote, estava ansiosa para ser pintada novamente. É uma experiência! Então é claro que eu fico triste, mas acho que fico um pouco mais triste pelos meus colegas, que não passaram pelo primeiro ambiente universitário, e nem vão passar, não tiveram o choque de realidade.

Pesquisa avalia sequelas em sobreviventes da covid-19

> Parceria entre Nupem/UFRJ e Prefeitura de Macaé vai estudar os efeitos posteriores da doença em pacientes voluntários. Principal foco são reflexos nos sistemas renal, respiratório e neurológico

BEATRIZ COUTINHO
E LUCAS ABREU
comunica@adufrrj.org.br

Depois de escapar com vida de uma infecção pela covid-19, o que pode acontecer com o paciente? Que sequelas ele poderá ter? Para aprofundar essa questão, o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem/UFRJ), do campus Macaé, e o Centro de Acolhimento e Reabilitação Pós-Covid (Carp), da prefeitura da cidade do norte fluminense, iniciaram em janeiro a pesquisa “Epidemiologia das afecções pulmonares e neurocognitivas pós-covid nos municípios de Macaé”. Com uma equipe composta por 23 pessoas e financiada pela Faperj, a pesquisa tem duração prevista de três anos e estimativa de monitorar entre 200 e 500 pessoas. O foco principal são as sequelas renais, respiratórias e neurológicas deixadas pela doença que já matou mais de 635 mil brasileiros.

“Nos chamavam a atenção diversos distúrbios que os pacientes relatavam pós-covid. Alguns apareciam logo após a infecção e outros só seis, doze meses depois”, explica a neurocientista Cintia Monteiro, professora da UFRJ e coordenadora do projeto. A pesquisa é uma consequência do trabalho de testagem, rastreamento do genoma do vírus, monitoramento da imunidade após infecção e acompanhamento da eficácia da vacinação que vem sendo realizado desde o começo da pandemia pelo Nupem. Alguns dados desse trabalho, ainda em curso, servem de base para a pesquisa atual.

“Passamos questionários perguntando aos voluntários das

“**Nos chamavam a atenção diversos distúrbios que os pacientes relatavam pós-covid. Alguns apareciam logo após a infecção e outros só seis, doze meses depois**”

Cintia Monteiro
Professora da UFRJ e
coordenadora do projeto.

últimas pesquisas para saber se eles tiveram algum tipo de afecção, convidando para o novo projeto”, detalha a coordenadora. “Quando a resposta era ‘sim’, eles retornavam ao Nupem ou ao Carp para realizar a coleta de sangue”. Para ser voluntário não é necessário ter participado das pesquisas anteriores, nem residir em Macaé. “Aceitamos todos que queiram participar”, diz Cintia. Com duas semanas apenas, o projeto já soma 15 pessoas no time de voluntários.

A pesquisa pode ter um grande impacto social. Com o diagnóstico precoce e eficaz e o mapeamento dessas afecções, a gravidade e o número de mortes pode diminuir. “É bom para a população e poupa dinheiro público com medicação e internação”, pontua Cintia. A princípio, a ideia é fazer três coletas de sangue e testes complementares nos próximos três meses, e depois observar. “Caso os sintomas persistam, pretendemos ter uma avaliação mais adiante, talvez seis meses depois ou até um ano”, estipula. Apesar das conquistas, a coordenadora acredita que o trabalho poderia ter começado mais cedo. “Perdemos muitas informações de afecções que não foram mapeadas em 2020 e 2021. Muitas não eram nem relacionadas ao coronavírus”, lamenta.

Minuciosa, a pesquisa parte de diversos métodos de análises. “Temos uma ideia de estudar o sistema imunológico através da análise de produção de citocinas e anticorpos relacionados ao coronavírus, ambos marcadores inflamatórios”, explica a neurocientista, que questiona por que algumas pessoas desenvolvem afecções e outras, não. O grupo também faz investigações cruzadas, herança da última pesquisa de mapeamento de genomas, procurando relações entre as afecções e as variantes. “Como as variantes têm sintomas diferentes, pode ser que cada uma possa levar a afecções diferentes, ou não. Vamos investigar”.

A investigação vai ser feita a partir de biomarcadores. Caso o paciente ateste algum sintoma neurológico, por exemplo, serão buscados biomarcadores neurais no sangue. “Existem proteínas que só são encontradas no nosso cérebro. Quando há algum dano no sistema nervoso, essas proteínas podem vir a cair na circulação sanguínea. Isso pode ser um indicador”, explica Cintia. Antes, é realizado um teste para medir a memória e a concentração do paciente e, para complementar, pode ser



PARTE DA EQUIPE do Nupem/UFRJ que participa do estudo iniciado em janeiro (acima) tomará como base os trabalhos de testagem, rastreamento e monitoramento (abaixo), ainda em curso, feitos na população de Macaé



feito um encefalograma. Se os sintomas forem pulmonares, é realizada uma espirometria, exame que indica o quanto está comprometida a respiração. Se for renal, a busca é por biomar-

cadoreis renais na urina.

Todos os voluntários realizarão coleta de sangue, mas somente os que apresentarem os três distúrbios mencionados terão seus exames aprofunda-

dos. “Não temos profissionais qualificados em quantidade o suficiente para avaliar todos os problemas. Fazer de todo mundo demandaria uma equipe maior”, desabafa Cintia. Para ela, a centralização das atividades no Carp, onde a equipe do Nupem envolvida no estudo está trabalhando, aumenta a adesão da população e garante o seu retorno.

“A parceria com o Nupem é um investimento na saúde”, explica Nichollas Augusto, idealizador e coordenador do Carp. Ele também entende que há necessidade de tratar a questão da covid-19 como um todo, inclusive o momento depois da infecção, e destaca que todos os profissionais atuam com base na literatura científica. “A universidade deve participar do tratamento. Foi um casamento, unindo o útil ao agradável, saúde e ciência”, destaca. O Carp tem uma taxa de resolução de até 84% dos casos, e foi fundado, em novembro do ano passado, para otimizar recursos físicos, financeiros e humanos.

Graziele Sousa é pesquisadora voluntária no Nupem desde abril de 2020, e agora atua na pesquisa dos efeitos do pós-covid. “No início, nosso intuito era a parte mais clínica do diagnóstico, do isolamento e da testagem”, conta. Com a chegada de outros testes, o grupo se voltou para a pesquisa. “A pessoa contraiu covid, mas e agora?”, perguntava o grupo, que via cerca de 50% a 80% dos pacientes apresentando sequelas. “A importância está nesse trabalho multidisciplinar de procurar saber como ajudar essa pessoa”, conclui Graziele, que não recebe bolsa. “Faço pelo bem do próximo. O governo investiu em mim da graduação ao doutorado, então quero retribuir para a sociedade o que eu aprendi”, conta, orgulhosa.

Para o professor Rodrigo Nunes da Fonseca, a pesquisa é mais um resultado positivo da parceria estabelecida entre o instituto e a prefeitura de Macaé. “O Nupem tem mais de 30 anos de parceria com a prefeitura, contribuindo com os variados temas de interesse da sociedade macaense”, exalta Rodrigo. O professor também celebra os ganhos que a parceria oferece para a sociedade, para a população da cidade e para a UFRJ Macaé. “Dentre os principais resultados da parceria está a geração do conhecimento e, claro, o treinamento dos alunos que futuramente serão profissionais de saúde”, diz.



FOTOS: FERNANDO SOUZA

MOÏSE PRESENTE: “NÃO ESQUECEREMOS”



■ A manifestação contra o bárbaro assassinato do jovem Moise Kabagambe reuniu centenas de pessoas na manhã de sábado (5), na orla da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. O protesto ocorreu em frente ao quiosque em que o congolês foi morto com chutes, socos e pauladas, no último dia 24. Professores, técnicos e estudantes da UFRJ participaram do ato. O presidente da AdUFRJ, professor João Torres, chegou cedo e, emocionado, destacou a forte presença negra: “É um momento triste, mas que mostra a força da resistência à barbárie. A AdUFRJ se soma a esse grito por justiça”. Na foto ao lado, a mãe de Moise lembra a dor do filho espancado até a morte. “Foi uma facada no meu coração”



■ O protesto de sábado teve intensa e forte participação do movimento negro. Os discursos condenaram o racismo estrutural e lembraram os assassinatos frequentes de jovens pretos e pobres nas comunidades fluminenses. Manifestações culturais lembraram a dor do jovem congolês e pediram punição aos assassinos. Três homens estão presos pelo crime, mas a polícia ainda não concluiu as investigações



CEM ANOS DE INQUIETAÇÃO

Olha que marketing: três dias com pessoas desconhecidas e até hoje provoca essa comoção como se fosse o evento mais importante da história da cultura brasileira. Tem que tirar o chapéu!", avalia o professor Antônio Secchin



ESTELA MAGALHÃES
comunica@adufrj.org.br

Passados cem anos, a Semana de Arte Moderna de 1922 segue produzindo polêmicas, pesquisas e paixões. Financiada pela aristocracia paulista e essencial para a posterior institucionalização do Modernismo, o evento que reuniu artistas e intelectuais no Teatro Municipal de São Paulo, entre 13 e 17 de fevereiro de 1922, é assunto central quando o tema é história da Arte no Brasil.

"Só depois de 22 é que os 'herdeiros' da semana trataram de valorizá-la retrospectivamente. Quando a Semana aconteceu, a repercussão foi muito menor do que se pode imaginar", explica Antônio Carlos Secchin, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) e professor emérito da UFRJ. "Ela foi crescendo ao longo da história e se transformou em uma coisa que ela não foi na época", completa o docente, lembrando que a atuação do escritor maranhense Graça Aranha, na ABL, teve papel crucial para a posterior nacionalização da Semana de Arte Moderna.

LITERATURA

A Semana foi dividida em áreas: Literatura, Música e Dança e Artes Plásticas. Na Literatura, a influência do evento chegou até a consolidação do verso livre — a abolição do uso da métrica para a poesia —, que foi uma questão importante no Modernismo. Segundo Secchin, essa espécie de "liberdade do verso" foi uma "liberdade impositiva", já que veio acompanhada do descarte de outras formas e estilos literários. "Eu diria que isso, que foi uma liberdade, acabou também sendo uma espécie de prisão", completa.

Godofredo de Oliveira Neto, escritor e professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFRJ, ressalta que a "Semana não promoveu, nem tentou promover, uma efetiva transformação social da nação brasileira". Ele explica que as mudanças são de caráter temático e estético, com pontos importantes ligados à independência cultural, sem incluir, no entanto, as populações indígenas e negras no universo da arte nacional. "Mas a literatura brasileira foi outra depois da Semana, esse legado é inquestionável. A literatura contemporânea dialoga com os modernistas mes-

SEMANA
DE ARTE
MODERNA



S. PAVLO
1922

mo que não tenha consciência disso", completa.

Outra inovação trazida pelo Modernismo e que se desenvolveu ao longo do movimento foi a escrita da fala brasileira, ou seja, passou a ser estudada e reivindicada uma incorporação do jeito brasileiro de falar português como um traço da língua. "Imagina se alguém falar hoje 'dá-me dois pães'? De onde surgiu esse extraterrestre na face da Terra? A gente normalizou e legitimou o uso do português do Brasil por meio do Modernismo", analisa Eduardo Coelho, também professor de Literatura Brasileira da UFRJ.

Eduardo conta que o evento foi patrocinado pela aristocracia paulista, ligada à produção de café, e essa possibilidade de divulgação do encontro contribuiu para a importância do projeto. "Como um movimento tão de ruptura estabelece um pacto com a elite do café, que tem esse lastro aristocrático tradicional?", questiona. "Não foi da noite para o dia", afirma. Em vez de uma ruptura abrupta, o professor cita uma atualização gradual na transição para o Modernismo no país. "Depois do evento começaram a despontar as publicações modernistas, com pequenas tiragens. E a gente também tem o Modernismo do Nordeste, do Sul, de Minas", explica.

MÚSICA

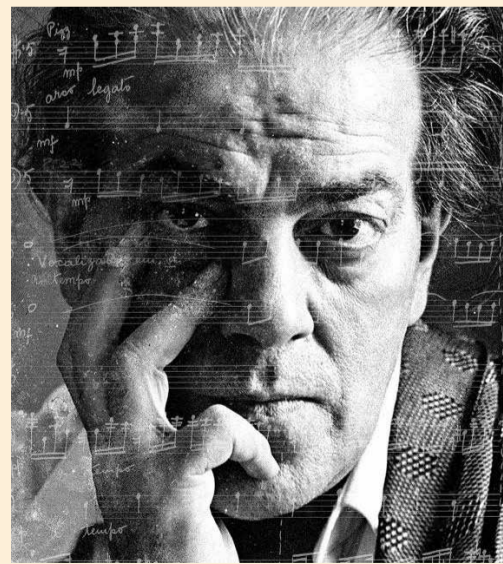
A busca pela identidade nacional que marca o movimento modernista é composta por uma valorização da cultura popular e a ideia de antropofagia cultural. Um dos expoentes nesse campo foi Heitor Villa-Lobos, vaiado em sua pri-

meira apresentação na Semana de 22, mas aclamado internacionalmente pela fusão da música erudita com ritmos dos povos tradicionais.

A professora da UFRJ Maria Alice Volpe, integrante da Academia Brasileira de Música, explica que o resgate cultural promovido especialmente pelos folcloristas se apoiava no conceito de "autenticidade": separava o "popular", uma idealização do que seria 'genuinamente brasileiro', do "popularesco", uma corrupção da 'pureza' do 'espírito do povo' pela 'civilização', muitas vezes localizada em ambientes urbanos com intensa confluência de elementos estrangeiros.

"A aproximação da classe intelectual e artística da cultura popular promovida pelo modernismo nacionalista foi continuada pelas gerações seguintes. A Semana de Arte Moderna de 1922 provocou um embate entre as posturas de vanguarda e as correntes nacionalistas, contundentemente na música, repercutindo até o Movimento Música Nova, em 1963, que propôs a superação da polarização entre a 'alta' e a 'baixa' cultura", completa.

No outro pilar temos a antropofagia cultural, bastante influente na consciência identitária brasileira, com impacto substancial na música com o Tropicalismo, nos anos 1960. "Ele propunha a assimilação das influências estrangeiras pela cultura brasileira, não numa posição submissa ou colonial de mera imitação, mas numa posição crítica de apropriação e recriação", explica a professora.



COMPOSITOR,
PIANISTA E MAESTRO,

Villa-Lobos foi vaiado durante concerto da Semana de Arte, onde se apresentou de casaca e chinelo — estava com o pé machucado

PRESENÇA FEMININA

Um dos feitos do Modernismo no Brasil foi o início do protagonismo de mulheres no cenário artístico. Anita Malfatti é a figura feminina principal da primeira fase deste movimento. Pintora, desenhista, ilustradora, a artista montou, em 1917, a exposição que gerou a fúria de Monteiro Lobato. O evento reuniu modernistas e foi a preparação para a Semana de Arte Moderna de 1922.

Em 2017, o professor Carlos Pires, do Departamento de Ciência da Literatura, visitou o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP em busca de materiais que o ajudassem a compreender alguns caminhos da institucionalização do Modernismo nos anos 1940 e 1950. Abrindo as caixas, ele encontrou um papel pardo escrito 'Para Marta'. "Peguei, abri, tinha um caderninho preto e quando eu comecei a folhear era o diário de Anita", diz o professor. O livro "Anita Malfatti: no tempo e no espaço" foi publicado em 1985 pela biógrafa e historiadora da arte Marta Rossetti, e o diário ficou guardado desde então. "O diário parou assim na minha mão de maneira bem estranha e completamente inusitada. Eu fiz a edição crítica do diário, fui tentando mapear o contexto dele e recuperar a trajetória dela na Alemanha nos anos 1910", completa.

O diário tem anotações da pintora sobre desenho, conta como foi sua primeira exposição individual em 1914 e suas estratégias para se estabelecer como pintora no contexto paulistano. Outras importantes mulheres do período foram: a pintora Georgina de Albuquerque, que depois veio a se tornar a primeira mulher a dirigir a então Escola Nacional de Belas Artes (atual EBA/UFRJ), entre 1952 e 1955; a pianista Guiomar Novaes; e a pintora, desenhista e ceramista Zina Aita.